

# A ARTE DE CURAR EM TEMPO DE CÓLERA ... OU O USO DA HOMEOPATIA DURANTE O FLAGELO - GRÃO-PARÁ, SÉCULO XIX<sup>1</sup>

JANE FELIPE BELTRÃO

*RESUMO - O trabalho apresenta e discute dados da pesquisa "Cólera: o flagelo do Grão-Pará". Fundamentado em pesquisa histórica realizada em instituições nacionais e internacionais, o estudo demonstra o uso de práticas homeopáticas no século XIX durante a epidemia de cólera que assolou a Província do Grão-Pará. Ao relatar aspectos da divulgação, em jornais, da prática homeopática, aborda-se também a comercialização de boticas e de publicações sobre o assunto; os profissionais da arte de curar e a aceitação social destes e da sua prática homeopática. Os resultados da homeopatia e a polêmica acerca de utilização da Homeopatia no tratamento da cólera são ainda alguns dos aspectos analisados no artigo.*

*ABSTRACT - The paper presents data and discussion of results from research "Cholera: epidemics in Grão-Pará. Based on historical research in national and international institutions, the study demonstrates the use of homeopathic practices in the nineteenth century during the cholera epidemics in the Province of Grão-Pará, Brazil. Using local newspaper reports such practices are revealed along side aspects of the commercialisation of medicine and prescription and other publications recommending the use of homeopathy. Other aspects revealed are the profile of the professionals practicing homeopathy and social acceptance of such medical practice. The analysis includes the discussion of the results obtained through homeopathic practices and the controversy involving the practice in the therapeutic treatment of cholera victims.*

## CONCEPÇÕES DA HOMEOPATIA: UMA FONTE DE ADESÕES

Os médicos paraenses não se declaravam homeopatas, mas há outros profissionais de saúde, na Província, que trabalham a partir das boticas<sup>2</sup> homeopáticas, caso contrário elas não seriam tão anunciadas e vendidas. Outro indício das raízes da Homeopatia é encontrado nas listagens de medicamentos enviados pela Comissão de Socorros às diversas vilas do interior do Grão-Pará ou recebidos pela dita Comissão, de outras Províncias a título de socorro, onde os medicamentos homeopáticos se fazem presente.<sup>3</sup> É preciso

<sup>1</sup> Apresentado e discutido na XXI Reunião da Associação Brasileira de Antropologia no Grupo de Trabalho: Antropologia do Corpo e da Medicina, em 8 de abril de 1998, em Vitória-Espírito Santo. A versão inicial deste texto foi discutida na Sociedade Médica Paraense de Homeopatia, em novembro de 1997. O estudo é preliminar e prévio à tese de doutoramento que está sendo elaborada.

<sup>2</sup> As boticas eram constituídas de uma coleção de medicamentos de uso freqüente. O termo se refere também aos estabelecimentos onde se preparavam e vendiam medicamentos, as farmácias. No texto se utilizam ambas as conotações. Vários eram os tipos de boticas utilizadas no século XIX. Para uma compreensão detalhada do assunto, consultar: CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de Medicina Popular e das Sciencias Accessorias para uso das famílias*. 5.ed. Pariz: Casa do Autor, 1878. p.375-382: verbete Botica Domestica.

<sup>3</sup> Cf. Diversos, Caixa 174, Ss.13.33, da série officios do Fundo da Secretaria da Presidência da Província do Grão-Pará. Das relações constam, quase sempre, *Arsenico, Belladona, Camphora e Veratrum*, quando não referem às boticas homeopáticas.

não esquecer que o repertório de medicamentos era muito limitado à época, a diferença entre alopatas e homeopatas era traçada pela prática da medicina.

Nas remessas de socorro, oriundas de diversas Províncias que se solidarizaram com os desvalidos e coléricos do Grão-Pará, também, é possível encontrar boticas homeopáticas. É provável, portanto, que entre os profissionais médicos houvesse aqueles que praticavam a Homeopatia. Muitos deles eram contrários à sangria. Leigos com alguma arte praticavam a Homeopatia, pois os alopatas não conseguiriam atender a uma população de 247.248 almas,<sup>4</sup> espalhada pelos mais distantes rincões e com tantas dificuldades de acesso.<sup>5</sup>

Os leigos, não-médicos, praticantes da homeopatia tiveram, no Grão-Pará do tempo de Cólera papel importante. Isto é sinônimo de prática pedagógica eficiente, no repasse das informações, por parte dos homeopatas. Aqui e alhures, os profissionais de saúde popular agregaram, certamente, às suas práticas, medicamentos resultantes de sua experiência com a arte de curar. E vice-versa. Isto não seria verdadeiro se caso o uso do sumo de limão, como neutralizador da Cólera, dado em doses mínimas e diluído em água, oferecido ao paciente de hora em hora não teria sido tão divulgado e, inclusive, experimentado pelo Dr. Silva Castro em sua clínica particular e por tantos outros profissionais.<sup>6</sup>

As concepções da Homeopatia devem ter funcionando, em 1855, como fonte de adesão. A seguir, examina-se uma a uma as formulações encontradas na documentação. Observa-se, porém, que a análise se restringe ao que emerge da retórica polêmica. O trabalho é, portanto, circunscrito ao período epidêmico.

Entre os motes da retórica, dos defensores da Homeopatia, estava o fato de que *a experimentação dos medicamentos homeopáticos é feita em homens sãos*, revelando a suave face dos medicamentos homeopáticos, que por serem experimentados em humanos sãos, representavam uma ameaça menor ao corpo enfermo e debilitado. A possibilidade de violação do enfermo era nenhuma.

Ao divulgar o fato, os homeopatas, desmistificavam a experimentação e, a ciência médica, indicando ao leigo um caminho, supostamente, seguro. Se o medicamento oferecido em doses diminutas não colocou em perigo a vida de um humano são, de certo não oferece perigo ao humano enfermo e, sobretudo, não mutila seu frágil corpo. Aqui reside a diferença. O colérico já está degradado, já perdeu parte de suas características humanas, portanto não necessita enfrentar novas ameaças.

Ao entrarem na polêmica, os homeopatas, mostravam que alguns dos medicamentos que eficazmente poderiam combater a Cólera, já haviam sido utilizados na Europa, com sucesso. Além deles, uma infinidade de outros poderiam ser utilizados, pois era necessário que *o medicamento oferecido ao enfermo considerasse os fatores ambientais*. Talvez, até sem saber, os contendores realçavam crenças enraizadas, qual seja a influência de agentes externos: o sol, a lua; o calor, o frio; o vento, a chuva; o mormaço, o sereno; o chuvisco e o pampeiro<sup>7</sup> dentre tantos outros fatores que, ainda hoje, fazem parte do mundo de crenças e preceitos vigentes na região.<sup>8</sup>

<sup>4</sup> O mesmo que habitante.

<sup>5</sup> É sabido que inúmeros remeiros, transportando socorros, foram encontrados mortos, acometidos pela Cólera, às margens de rios e igarapés que cortam a região, sem atendimento. O fato foi amplamente divulgado pelo *Treze de Maio* que seguidamente abordava a precariedade do atendimento de saúde na Província.

<sup>6</sup> Cf. Ofício enviado pelo Dr. Silva Castro, presidente da Comissão de Higiene Pública, para Rego Barros, presidente da província do Grão-Pará, em 27.11.1855. Ofícios da Comissão de Higiene e Comissão de Socorros Públicos 1850-55, Caixa 141, Ss. 13.34, da Série Ofícios do Fundo da Secretaria da Presidência da Província do Grão-Pará sob a guarda do APEP. Publicado pelo TM, No. 600, qui. 29.11.1855: 1-3. No relato, o médico, informa ter tratado 27 coléricos com sumo de limão, conforme prática corrente na região, a qual ele empresta foros acadêmicos citando trabalho de químicos franceses de 1832, que debelavam vômitos com limonadas saturadas. Consultar, também, Delegados e Subdelegados, Caixa 194, Ss 13.54, da série ofícios da Secretaria de Polícia da Província do Grão-Pará.

<sup>7</sup> Chuva forte e rápida característica da região Amazônica que ocorre nas horas de calor causticante, ocorrendo no Pará no período de outubro a maio.

<sup>8</sup> Sobre o assunto consultar BELTRÃO, Jane Felipe. *Mulheres da castanha: um estudo sobre trabalho e corpo*. IN: *Trabalhadoras do Brasil*. São Paulo: Brasiliense/Carlos Chagas/Ford, 1982. para referências urbanas; MOTTA-MAUÉS, Maria Angélica. *"Trabalhadeiras & "Camarados": relações de gênero, simbolismo e ritualização numa comunidade amazônica*. Belém: UFPA, 1993 para referências do mundo rural.

*O tratamento é oferecido ao enfermo, pois a Homeopatia não trata doenças.* Ao considerar o doente e não a doença, a Homeopatia transforma o enfermo em centro das atenções. Ele, embora vítima da Cólera, é único, é um indivíduo com identidade própria, a quem se oferece terapêutica específica. Para o enfermo, a tradução da formulação é solidariedade e esta é requerida, em momentos críticos. No caso, a solidariedade é acompanhada de respeito pelo paciente, pois *o profissional de saúde, na Homeopatia, deve ouvir a queixa do paciente.*

Ser ouvido, ao cair abatido pela Cólera, é um desejo de quem se sente frágil. A detalhada atenção do profissional, ao escutar do enfermo, é um elo importante na relação profissional de saúde/paciente. O enfermo, talvez, mais do que o profissional de saúde está atento aos passos do tratamento. Ele “participa” da ação de saúde e, dela, depende o desenlace do tratamento, uma vez que *o medicamento é exclusivo do enfermo, em função dos sintomas predominantes.* Ouvir é um passo importante para o estabelecimento de relações menos assimétricas entre profissional de saúde e enfermo.

*Onde não há médicos homeopatas, o tratamento pode e deve ser feito por leigos.* Apesar da prática da Homeopatia no Brasil ter pouco mais de uma década de atuação, os homeopatas, já em 1855, se revelavam excelentes pedagogos. Esta é uma outra face da desmistificação da Homeopatia. Ao treinar leigos, os homeopatas, romperam o monopólio dos doutores que tudo e todos controlavam no Grão-Pará.

Aqui, reside a outra vantagem da Homeopatia. Ao adotar *linguagem compreensível*, ela acaba por interagir com os conhecimentos populares, mantidos por pessoas também versadas na arte de curar. Os leigos a quem a Homeopatia, presumivelmente, se dirige, não eram tão leigos. De certo detinham conhecimentos populares e, também, usufruíam de reconhecimento social para exercer a arte da cura.

Pelo exposto, parece decorrência *natural* que, uma terapêutica que não pratica sangria nem executa autopsia, tampouco está ligada à medicina oficial, adquira raízes profundas junto à população. Sobretudo, considerando quem eram os coléricos e as chances que tinham de interferir na política pública do Império.

## Uma Contenda Sem Fim

O flagelo provocado pela Cólera em 1855 no Grão-Pará trouxe consigo a polêmica. Com a chegada da epidemia, desvendar a causa da doença era o grande desafio dos profissionais de saúde. Dada a impossibilidade de agir, preventivamente, os profissionais de saúde tentaram contornar a situação existente.

Procurar as razões pelas quais a Cólera abatia alguns indivíduos, enquanto outros passavam incólumes pela epidemia; identificar quais as razões do contágio; e, descobrir o tratamento adequado ao combate da epidemia, transformou os profissionais de saúde, em ferozes contendores, envolvidos numa polêmica sem fim, cujas raízes eram profundas.

A contenda ultrapassou, inclusive, os limites da Província. Os argumentos apareceram em diversos jornais. No Grão-Pará, as vozes eram ouvidas através do *Treze de Maio*. Já no Rio de Janeiro, capital do Império do Brasil, os profissionais utilizavam as páginas do *Jornal do Commercio* e do *Diário do Rio de Janeiro*.

A polêmica teve início quando o Dr. Francisco da Silva Castro, Presidente da Comissão de Higiene Pública do Pará enviou um ofício ao Dr. Francisco de Paula Cândido, Presidente da Junta Central de Higiene Pública do Rio de Janeiro, em 17.07.1855, dando conta da situação da Cólera na Província.

Dizia Silva Castro:

*“A homeopathia, isto he a doctrina medica, qui a pour base les infiniment petits, pour but l' impossible, et pour resultat la nullité, como publicamente sustentei em 1837 em huma thése, não tem desta vez recolhido ovações pela imprensa. Hum ou outro entusiasta ou fanatico he, que se tem medicado por semelhante systema. Não posso affiançar ao que seja devido este descredito da invenção d' Hahnemann; parece-me porém que provêm do dezenqano, que o povo tem recebido a respeito da theoria de hum systema, e do medo que*

delle se apoderou para de livre vontade se deixar morrer ás mãos de engenhasas ideáldades.”<sup>9</sup>

Mesmo negando o êxito da Homeopatia, em tempo de Cólera, Silva Castro admitia que, em algum momento, ela teria sido ovacionada através da imprensa. O documento, produzido por Castro, confirmava a existência de entusiastas da Homeopatia, mas em lugar de tratá-los como profissionais os chamava fanáticos. A negação evidencia a presença da prática da Homeopatia no Grão-Pará.

À época toda a correspondência oficial, considerada relevante, pelas autoridades imperiais, era publicada pelo *Jornal do Commercio* no Rio de Janeiro. Dada a situação no Grão-Pará, a documentação oriunda da Província era estampada no periódico. A leitura das observações de Silva Castro despertou a manifestação dos profissionais de saúde praticantes da Homeopatia. As manifestações foram tanto individuais, como corporativas, como ver-se-á em seguida.

## Réplica sem Tréplica

O primeiro a manifestar-se foi o Dr. Maximiano Marques de Carvalho que escreveu para a seção de “Publicações a Pedido” do *Jornal do Commercio* contestando o ofício do Dr. Silva Castro. Na publicação, discutia a eficácia da sangria para tratar coléricos e demonstrava a utilização do tratamento homeopático em tempo de Cólera.

Marques de Carvalho aconselhava, com ironia, que os médicos paraenses em lugar de polemizarem sobre a origem da Cólera no Pará deveriam tratar os doentes antes que fosse tarde demais. Diz ele:

“É usança antiga o fazer-se alguém responsavel do apparecimento do cholera asiatico logo que ella se manifesta, e attribuir os seus primeiros estragos a envenennamentos; tal e a rapidez com que ella fulmina os homens. Quanto a nós é fora de duvida que os colonos que falecerão a bordo da Galera Defensora a qual entrou em fins de Maio proximo passado no Pará, succumbiram aos ataques do cholera asiatica, não podemos suppor tão cegos que não vissem a cor do sal de cobre na comida, se nella houvesse tal sal, nem tão golotões que comessem chorureto de cobre a ponto de se envenenarem sem sentirem no paladar.”<sup>10</sup>

O homeopata não se contenta em criticar os médicos pela miopia científica, mas, sobretudo, pela postura diante do enfermo. Os médicos paraenses tomavam os enfermos e mortos da galera *Deffensor* como cegos, glutões e insensíveis. Será que entre os 33 colonos mortos, nenhum teria percebido o envenenamento? E, os demais colonos, também não se apercebiam do veneno? Faltou respeito aos colonos.

Marques de Carvalho identifica os médicos Francisco da Silva Castro, João Manoel d’Oliveira e José Ferreira Cantão como aqueles que informam ser Cólera, a epidemia reinante no Grão-Pará, além de praticarem a sangria no processo de tratamento dos doentes acometidos pela enfermidade. Diferentemente, os médicos Camillo José do Valle Guimarães, José da Gama Malcher e Joaquim Fructuoso Pereira Guimarães que afirmavam que no Pará, não existia Cólera, o flagelo devia-se ao envenenamento por miasmas<sup>11</sup> deletérios e desconhecidos. Estes profissionais tratavam seus pacientes utilizando purgativos nas

<sup>9</sup> Cf. *Treze de Maio*, doravante TM, No. 518, 16o. ano. sab.21.07.1855: 3. As transcrições são fiéis aos documentos. Conserva-se, inclusive, a grafia do período, faz-se ressalvas, unicamente, quando a autora introduz algum destaque.

<sup>10</sup> Cf. *Jornal do Commercio*, doravante JC, No. 208, 30.07.1855. Sobre a polêmica Cólera *versus* envenenamento consultar o jornal *Treze de Maio* de maio, junho e julho de 1855, período em que a discussão estava se processando. É possível, ainda, consultar VIANNA, Arthur. O Cólera-Mórbus. IN: *As Epidemias no Pará*. Belém: UFPA, 1975. Ou CASTRO, Francisco da Silva. Apontamentos para a Historia do Cholera-morbus no Pará em 1855. apud BOTELHO, João José da Costa. *Família Castro*. Belém: Falângola, 1983.

<sup>11</sup> Emanações nocivas oriundas de vegetais ou animais, mortos ou vivos, são ou doentes, que corrompem o ar e atacam os humanos. Cf. CHERNOVIZ, 1878, p.395-401: verbete Miasmas. Para uma discussão mais ampla da concepção de *miasma*, conferir as teses sobre Cólera defendidas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, no século XIX, hoje sob a guarda da Academia Brasileira de Medicina.

prescrições, mas Camillo Guimarães e Gama Malcher aconselhavam a utilização de sangria geral em casos agudos.<sup>12</sup> Sem citar nomes, Marques de Carvalho informa, ainda, que outros profissionais falavam na não existência de moléstia, mas de doentes, recomendando que nos *pletóricos* fosse aplicada a sangria, nos *linfáticos* ministrem-se tônicos, aos *nervosos* recomendavam calmantes opiados. Marques de Carvalho ironiza a polêmica dizendo: "... eis o que é manobrar bem os meios therapeuticos."<sup>13</sup> Também sem citar nomes, Marques de Carvalho prossegue, dizendo que outros alopatas tratam os doentes de Cólera seguindo os sintomas, e prescrevendo medicamentos variados de acordo com o sintoma apresentado. Para se ter uma idéia utilizam: contra o resfriamento, banhos sanapisados; para sede ardente, gelo; na diarréia, clisteres opiados e adstringentes; no combate a cãimbra fricções com escovas; no caso de pulso fraco, porções excitantes e aromáticas, cordiais e tônicas; nas febres e congestão cerebral, revulsivos e vivicatorios; e assim por diante. Carvalho observa que "... o gabinete do doente fica sendo uma loja de drogas, e para cada dez doentes são precisas cem enfermarias!"<sup>14</sup> Nas entrelinhas da argumentação de Marques de Carvalho é possível perceber que ele considerava a medicina da época agressiva e a terapêutica ilógica.

Diante da situação, Marques de Carvalho aconselhou os médicos paraenses, a simplificarem o tratamento e a utilizar os medicamentos com maior rapidez, pois que assim se desenvolvia a doença. O médico passa, então, a defender o uso da Homeopatia, pois esta emprega no tratamento da Cólera medicamentos que produzem, no homem, uma enfermidade semelhante a ela e, os triunfos, em outras epidemias do gênero pelo mundo, justificavam, perfeitamente, a veracidade da lei dos semelhantes, contrariando as afirmações feitas por Silva Castro.

Afirma Marques de Carvalho que *Camphora*,<sup>15</sup> *Veratrum*, Arsenico, Ipecacuanha, *Phosphoro*, *Helleboro Negro*, *Nux Vomica* e *Strychnina* foram os medicamentos empregados pelos médicos homeopatas para combater a Cólera na Europa, durante as epidemias da primeira metade do século XIX.<sup>16</sup> A contestação pública de Marques de Carvalho à tese de Silva Castro, apoiava-se no guia de *Tratamento Homeopático do Cholera-Morbus*<sup>17</sup> que se reproduz resumidamente a seguir:

Medicamentos utilizados: *Veratrum*, *Arsenico*, Ipecacuanha, *Helleboro Negro*, *Nux Vomica*.

Dinamizações adotadas: de 1a. a 5a. e de 5a. a 20a., dando preferência as de 1a. a 5a.

Recomendações:

Sintomas iniciais: peso na cabeça, opressão no peito, dormência das pernas, rugidos no ventre, pulso acelerado, vertigem, náuseas, e extremidades arrefecidas.

Medicamento: *Veratrum*.

Posologia: 1 gota em uma onça<sup>18</sup> d'água dividida em 4 partes de 1 em 1 hora.

Cuidados: recolher-se à cama e agasalhar-se com cobertores de lã.

Agravamento dos sintomas: diarréia biliosa, matéria branca, suspensão das urinas, grande resfriamento, voz alterada e sumida, pulso fraco, fisionomia descomposta, e dores violentas no epigástrico.

Medicamento: Arsenico

Agudização dos sintomas: extremidades azuladas, frias e enregeladas; face encarquilhada e cor de chumbo;

<sup>12</sup> Cf. TM, No. 552, Qua.03.10.1855: p.2.

<sup>13</sup> Cf. JC, No. 208, 30.07.1855. Grifo nosso.

<sup>14</sup> Idem.

<sup>15</sup> Dada a ampla utilização do trabalho no Brasil, adotou-se a grafia presente em CHERNOVIZ, 1878 que constituía fonte de inestimável valor aos estudiosos das práticas de cura no século XIX. Entretanto, conservou-se a grafia original nos casos de citações ou quando a nomenclatura não foi encontrada no Dicionário.

<sup>16</sup> Sobre o assunto, consultar LEARY, Bernard. Cholera 1854: update. *British Homoeopathic Journal*, v.83, p.117-121, 1994. Consultar, também, BLACK, Francis. Homeopathic treatment of Asiatic Cholera. *British Journal of Homeopathy*, v.1, p.57-68, 1843.

<sup>17</sup> Cf. JC, No. 199, 20.07.1855: Secção Publicação a Pedidos.

<sup>18</sup> Equivalente a 8 oitavas ou sejam 28.68 gramas. Cf. CHERNOVIZ, 1878; p.658-681 para uma completa visão do sistema de pesos e medidas utilizados no século XIX.

olhos encovados; voz suprimida; colapso geral; evacuações cerro mucosas, corpo coberto de suor glacial, e sintomas de morte.

Medicamento: *Strychnina*.

Durante a epidemia de Cólera, aparecem diversas notas reproduzindo publicações sobre Homeopatia. A seguir transcreve-se a primeira delas:

“Contra a Epidemia ora reinante

Notas sobre o Cholera feitas pelo conselheiro J. B. Baptista Pinheiro. *Pract. Element. da Homeop.* 4a. edição pag.399.

A vista dos symptomas, e differenças que apresentam os principais remedios contra ao cholera, pode-se concluir que o - Veratrum - será escolhido quando symptomas mais dominantes forem vomitos, e evacuações excessivas, e a frialdade de todo o corpo Ars quando o symptoma principal, além dos vomitos, e dejecções, for ardor, e palpitação das partes pericordiaes.

*Curp* - quando as caimbras representão o primeiro papel.

Secal - corn - quando os vomitos tem cessado, e as dejecções não se achão ainda colloridas  
Acon - Ars - Bell - Coff - Nux. vom - Op - Puls - quando houver congestão cerebral  
Bell - Bryon - Hyos - Phos - ac - Rhus quando ha febre nervosa.

Carb -veg - Sobrevindo antes da reacção repouso, e socego-completo, pelle um pouco fresca, suor ligeiramente viscoso, pulso imperceptivel.

Quanto os vomitos não consentirem a conservação dos remedios, ou o corpo estiver excessivamente frio, pode dar-se ao doente gelo em pequena quantidade, e clysteres de agoa nevada.

Pode-se conceder ao doente beber agoa fria [ aos goles ] e quando não estiver suado.

O doente devera estar em um quarto de *Temperatura elevada*, se o tempo for frio, e humido: terá a roupa de cama moderadamente aquecida: sobre o peito e o ventre conservará um pedaço de baeta, e na mesma envolvidos os pez: observará a mais rigorosa dieta, quer durante a enfermidade, quer na convalescencia.”<sup>19</sup>

Seis dias depois, o *Treze de Maio* publica *Remedios Preservativos contra o Cholera-Morbus e Observações sobre os dous systemas no tratamento do cholera, extrahidas da Pratica Elementar da Homeopathia, 3ª edição, pag. XXXIX*. As *Observações* dizem respeito ao sucesso da Homeopatia durante as epidemias ocorridas em outros lugares. O autor, a julgar pela sintonia das publicações, é o mesmo. O profissional relata que: “ Sobre 2.239 cholericos a Homeopathia perdeo 170 e sobre 495.027 perdeo a Allopathia 240.239, isto é, a Allopathia perdeo quasi 50 doentes sobre 100, que tratou, entretanto que a Homeopathia perdeo menos de 8 por 100.”<sup>20</sup> Para comprovar a veracidade de suas afirmações, o autor, aconselha a leitura do trabalho, citando, inclusive, as páginas.

<sup>19</sup> Cf. TM, No. 500, ter.12.06.1855, p.3.

<sup>20</sup> Cf. TM, No. 502, sab. 16.06.1855: p. 8

Importante notar que as publicações sobre Homeopatia, no *Treze de Maio* não aparecem assinadas, salvo o artigo do Dr. Emilio Germom. Entretanto, os autores parecem ser profissionais, pois os textos eram extraídos de obras conceituadas e seguem o padrão científico vigente. Os textos, porém, não são longos, quando comparados ao espaço ocupado pelos alopatas.

Já no caso dos anúncios, eles parecem perdidos em meio a tantos outros. Na secção: “Anúncios Diversos”, onde é possível encontrar, uma infinidade de temas, de escravos fujões a carrinhos de aluguel, passando por artigos estrangeiros; medicamentos alopáticos e homeopáticos; livros sobre assuntos diversos, inclusive, médicos; folhetos variados; orações e estampas de santos.

O *Treze de Maio* durante a epidemia de Cólera de 1855 publicou, sistematicamente, recomendações sobre as formas de tratar o flagelo. Em suas páginas há registro de que os diversos exemplares do jornal passavam de mão em mão nos mais distantes pontos da Província. Portanto, havia audiência às mais diversas práticas de cura.

O jornal como tantos outros no século XIX, estampava uma infinidade de artigos médicos, de onde supõe-se que o tema despertasse interesse entre seus leitores. Saúde é assunto que tradicionalmente desperta interesse social e os jornais têm se mantidos fiéis a esse item de sua pauta. O fato de o periódico apresentar um extenso repertório de moléstias e epidemias se deve mais aos flagelos que atingiam continuamente, a Província do que a qualquer cabala de médicos que gerisse o jornal.<sup>21</sup> Apesar, dos médicos, aparecerem em vários setores da vida social paraense, como de resto no Brasil inteiro,<sup>22</sup> no Pará, eles podem ser encontrados como delegados, juizes, professores e políticos.<sup>23</sup>

Embora reconhecesse, através de editorial, que “... empenhaõ-se os Edictores deste jornal em torná-lo digno da protecção do Governo, do Commercio e de todas as classes da sociedade: ...”<sup>24</sup> a face do jornal sempre foi conservadora. O periódico sistematicamente, posicionou-se ao lado da legalidade.<sup>25</sup> A Homeopatia, no entanto, mesmo sem ser medicina oficial possuía espaço no periódico, caracterizado de forma discreta, mas constante. Os homeopatas, mesmo não assumindo suas identidades profissionais, eram hábeis polemistas e se faziam presentes, ensinando a arte aos leigos, na tentativa de evitar um número elevado de mortes.

Voltando a Marques de Carvalho o contendor diz que a *Camphora* é um medicamento tão precioso como profilático, tendo sido amplamente, empregado com grande proveito para combater os primeiros sintomas da doença. Já o *Veratrum*, informa Marques de Carvalho, é um medicamento que produz no homem são, quase todos os sintomas da Cólera, sendo empregado tanto no primeiro, como no segundo período da Cólera.

Como experimentado polemista, Marques de Carvalho não apenas demonstrava conhecimento do emprego dos medicamentos, como informava que a experimentação dos remédios homeopáticos era ( e, ainda hoje, é ) feita em humanos sãos. O profissional explicava que a escolha do remédio se faz obedecendo o princípio da similaridade, ou seja, deve produzir no organismo, do doente, uma doença artificial, mais

<sup>21</sup> Sobre o assunto consultar, o interessante trabalho de DARNTON, Robert. *Boemia Literária e Revolução*. São Paulo, Cia. das Letras, 1989. Especialmente o capítulo “Leitura Escrita e Atividade Editorial”.

<sup>22</sup> Para um entendimento da penetração dos profissionais da arte de curar na trama social, a leitura de *O Alienista* de Machado de Assis é um bom exercício, pois quatro dos personagens, inclusive o personagem principal, dedicam-se à arte de curar, mas não se descuram dos interesses sociais. Cf. ASSIS, Machado. *O Alienista e o Espelho*. Rio de Janeiro, Ediouro, 1996.

<sup>23</sup> Para compreender a estratégia dos médicos, consultar LUZ, Madel T. *A Arte de Curar versus A Ciência das Doenças – História da Homeopatia no Brasil*. São Paulo, Dynamis Editorial/Abrasco, 1996. 73.

<sup>24</sup> Cf. TM, No. 550, Seg. 01.10.1855, data em que passa a sair diariamente.

<sup>25</sup> De acordo com o exemplar de número 1 “... Nem um titulo nos pareceo mais adequado de que Treze de Maio –desse dia memoravel nos factos da Historia Paraense, dia de doces recordaçõens, em que a legalidade conseguiu triumphar dos deessastrosos feitos e negros planos de rebeldia, apoderando-se da capital da Provincia ...”, ou seja o título do jornal comemorava a repressão à Cabanagem. Portanto, por suas posições, o *Treze de Maio* é, quase, uma gazeta oficial. Consultar, BARATA, Manoel. *Jornais, Revista e outras publicações periódicas de 1822 a 1908*. IN: *Formação Histórica do Pará*. Belém: UFPA/Coleção Amazônica/Série José Veríssimo, 1973.

poderosa que a doença existente. Portanto, chamava à homeopatia os rigores da ciência da arte de curar.

Adiante, afirma que o Arsenico produz, no homem, sintomas semelhantes a Cólera e foi largamente utilizado no segundo e no terceiro período da moléstia, quando os vômitos e dejeções brancas, ainda são freqüentes e começa a aparecer a enregelação e suor frio glacial, característico dos coléricos.

Já o *Helleboro*, o *Phosphoro* e a Ipecacuanha, ainda segundo Marques de Carvalho, deveriam ser empregados quando os sintomas fossem mais brandos, sendo preferível um ou outro de acordo com a prudência do médico ou do prático que dirige o tratamento. Observe-se que o médico admite: a Homeopatia é empregada, também, pelos profissionais de saúde popular. Esse fato era inadmissível aos olhos das autoridades sanitárias que, no entanto, eram obrigadas a fazer vista grossa dada a precariedade de profissionais habilitados.

A *Nux Vomica* e a *Strychnina* deveriam ser empregadas no caso de convulsões mortais; arroxamento das extremidades do corpo; palidez cor de chumbo nas faces; e, torpor mortal. Lembra Marques de Carvalho que, entre os recursos para estes sintomas, há o Digital<sup>26</sup> medicamento que, mesmo não tendo sido empregado pelos homeopatas na Europa, deve ser levado em consideração, no Brasil. Explicava o médico, demonstrando a importância do meio físico e social sobre os humanos:

“nossas prescrições são accommodadas á nossa indole, ao nosso clima, ás nossas aguas, a nossos ventos, á nossa flora, á nossa zoologia, e finalmente ás nossas condições sociaes...”

Na seqüência da argumentação Marques de Carvalho refere que, em 1832, quando a Cólera apareceu na Alemanha,<sup>27</sup> práticos alopatas empregaram sangrias, mas os resultados produziram conseqüências desastrosas, de tal sorte que, segundo ele, era preferível ficar entregue às leis da natureza, pois dessa forma a mortandade era menor. Muitos profissionais foram obrigados a arrearrear carreira.<sup>28</sup> É bastante provável que Marques de Carvalho tenha razão, pois a prática da sangria não contava com larga aceitação social. No Brasil, o emprego era altamente polêmico, entre os profissionais de saúde, além de provocar medo à população. Mas existiam, muitos sangradores em atividade.

Os sangradores se faziam presentes, no Grão-Pará, fato atestado pelo Dr. Antonio José Pinheiro Tupinambá:

“Antes da minha chegada, dos doentes atacados levemente do cholera succumbião principalmente os que se sangravão depois que aqui estou tem alguns se sangrado, o que occultam de mim, porém em todos esses, quer sejam atacados de leve, quer por phases percorrão os diffrentes periodos da molestia, a phlebotomia evidentemente tem concorrido para mais depressa descer ao tumulo o infeliz choleric.”<sup>29</sup>

Sobre os sangradores, dizia Tupinambá, ao comentar o comportamento do povo de Vigia, “Algumas pessoas tem, obstinados em sua ignorância, feito sangrar seos doentes que julgão por essa maneira salvar , e não são tão docéis que sigão á risca minhas prescrições, diferentes n’isto do bom Povo Cametaense, ...”<sup>30</sup>

O médico ao sentir a resistência do povo, lembra da docilidade dos habitantes de Cameté e, diz: “... que deveo em grande parte a sua salvação, ao ter-se com toda a confiança submettido cegamente ás Leis da verdadeira Therapeutica.”<sup>31</sup>

Prossequindo, na polêmica, Marques de Carvalho aconselha o Dr. Silva Castro e os demais médicos que,

“ ... reuna os esforços aos medicos homeopatas, que, auxiliados por Deos, procuram salvar os seus concidadãos da voracidade da peste, e Deos la do firmamento abençoará os

<sup>26</sup> *Digitales Purpurea*, também conhecido como *Digitalis* ou Dedaleira. Cf. CHERNOVIZ, 1878, p.857-8, verbete *Digital*.

<sup>27</sup> Sobre a Cólera na Alemanha consultar EVANS, R. J.. *Death in Hamburg: society and the cholera years, 1830-1910*. Oxford: Clarendon Press, 1987.

<sup>28</sup> Abandonar a profissão, dado ao péssimo desempenho.

<sup>29</sup> Cf. TM, No. 584, sab.10.11.1855, p. 1.

<sup>30</sup> Idem.

<sup>31</sup> Idem, idem.



seus passos, e com seu dedo onipotente fará parar a destruição. “<sup>32</sup>

Os apelos não encontraram ressonância entre os doutores da Província.

## Novos Aliados em Cena

O coro da reação aos argumentos de Silva Castro foi aumentando. A Academia Medico-Homeopathica do Brasil entrou na polêmica, através de um longo comunicado ao povo, publicado no *Jornal do Commercio*, assinado pelo Dr. Duque Estrada e pelo Dr. Medeiros, respectivamente presidente e 1º secretário.

Dizem os acadêmicos:

“Não é certamente por saber-se convencida a Academia Medico-Homeopathica do Brasil da presença da cholera morbus entre nós que resolveu a presente publicação, mas a intenção de prestar seus serviços à população brasileira, porque de um outro facto que por acaso se tenha realmente dado entre nós na actualidade, não se deve concluir pela sua existencia epidemica, pois que taes factos, se em verdade existirão, nada provar podem a semelhante respeito sendo certo que no Rio de Janeiro em épocas diversas, e muito de longe em longe, alguns casos dessa natureza tem sido observados com character sporadico, e disso jamais passou: é porém por admittir a possibilidade de sua manifestação epidemica, porque esse cruel inimigo da humanidade é de todos os climas e estações, que entendeu conveniente fazer conhecidos os seus symptommas para que assim possa qualquer pessoa desde que seus primeiros indícios se manifestem, procurar de prompto os necessarios socorros.”<sup>33</sup>

Apesar da evocada cautela, a Academia entrava na contenda tomando partido, pois lembrava que em muitos lugares do Império, inclusive em locais não muito distantes do Rio de Janeiro, não havia médicos e que a publicação seria de grande valia, pois descrevia tanto os sintomas da Cólera, como o respectivo tratamento. Assegurava, também, que os miasmas estavam à espreita da cidade do Rio de Janeiro, pois o Hospital Santa Isabel, no sacco da Jurujuba, destinado ao tratamento de moléstias contagiosas e epidêmicas era localizado “... d’onde os ventos da barra e a viração quotidiana trarão todos os dias os miasmas ...”, afirmando que a instituição pode “... é e ha de ser a origem de muitos males.”<sup>34</sup>

A neutralidade da Academia é, apenas, uma questão de retórica, pois listava os problemas e apontava as autoridades responsáveis. Diz com todas as letras que o Dr. Francisco de Paula Cândido, autoridade máxima do Império em questões de saúde, age irrefletidamente seguindo seus impulsos, os quais, ironicamente, a Academia classifica como não sendo os melhores. A observação pública deixa clara a posição dos homeopatas, enquanto membros de uma corporação.

Defendendo-se, a Academia afirmava não serem os seus membros os acusadores de Paula Cândido, mas o *Jornal do Commercio* e o *Mercantil* que ao noticiarem a chegada do vapor *Imperatriz* procedente do Pará, informam que o Presidente da Junta Central de Higiene tendo subido a bordo de um navio portador de carta suja, sua humanidade não foi magnânima a ponto de aquarentenar-se junto com os tripulantes e os passageiros da referida embarcação.<sup>35</sup>

Ao enumerar os perigos a Academia coloca-se como “... uma corporação de medicos homeopathas e a homeopathia não é a medicina oficial.” Entretanto, reafirma seu compromisso social, informando que o

<sup>32</sup> Cf. JC, No. 208, 30.07.1855.

<sup>33</sup> Cf. JC, No. 210, 01o.08.1855: Publicações a Pedido. Grifo nosso.

<sup>34</sup> Todas as citações, constantes da análise, que aparecem entre aspas pertencem ao comunicado anteriormente, mencionado e cuja fonte está indicada na nota anterior.

<sup>35</sup> Todos os navios eram obrigados a trazer carta de saúde emitida pela autoridade sanitária do porto de origem. A carta poderia ser limpa quando não havia ocorrência de moléstias contagiosas ou epidêmicas, no dito porto, ou suja quando havia registro de moléstias dessa natureza. Os navios que apresentassem carta suja eram obrigados a cumprir quarentena nos Lazarets indicados pelas autoridades de saúde do local de destino. Sobre o assunto, consultar o delicioso trabalho de CÍPOLA, Carlo M. *O Burocrata e o marinheiro*. Oeiras – Portugal: Celta, 1997. Apesar de referir-se à situação da Itália no século XVII permite, ao leitor, concluir as situações vividas pelos marinheiros em seus destinos e descobrir as dificuldades produzidas por medidas dessa natureza, especialmente, no Brasil Imperial.

comunicado:

“... é um resumo do que a respeito tem escripto habeis medicos homeopathistas que por vezes tem lutado com a cholera, a isso limita se hoje, esperando da Providencia que seus serviços, no que diz respeito a este objeto, a mais não se entendão.”

De certa forma, a Academia, critica os alopatas pelos fato de discutirem questões relacionadas a origem da Cólera, relegando os coléricos a segundo plano. Reforçando as críticas feitas, anteriormente, pelo Dr. Marques de Carvalho.

A Cólera no entender dos acadêmicos é:

“... uma epidemia cujo miasma não é *fixo* como o da peste, por exemplo, mas cujas causas existem no ar, o retiro mais absoluto e o isolamento o mais completo não são suficientes garantias, e no mesmo caso estão os cordões sanitarios, as fumigações e outras cousas que se tem imaginado para oppor-lhe passagem. As unicas cousas verdadeiramente *efficazes* serão aquellas que tenderem a destruir esse miasma na propria atmospheria, ...”

Os acadêmicos enfrentam os opositores de maneira inteligente e astuta, mostrando ao público leitor do *Jornal do Commercio* as armadilhas de suas afirmações. Adeptos de práticas de confinamento dos pacientes, desrespeitavam o confinamento que prescreviam. Impunham quarentenas a navios, cargas e passageiros oriundos de portos infectados, mas apesar de entrarem em contato com os membros da tripulação e com os passageiros, durante o inquérito sanitário, não se recolhiam aos Lazaretos.

## Ensinando Leigos e Tratando Coléricos

Na seqüência do documento, os acadêmicos descrevem a Cólera, seus sinais precursores, sintomas do primeiro, segundo e terceiro períodos. As recomendações são detalhadas, considerando que objetivam ensinar os leigos a tratar os doentes, onde não há médico e, ao mesmo tempo, apresentar ao público como trabalhavam os homeopatas. A seguir um resumo da proposta:

### DESCRIÇÃO E TRATAMENTO HOMEOPÁTICO DA CÓLERA

#### Recomendações:

Sinais precursores: moleza geral, fadiga, cabeça tomada e dolorosa, vertigens, palidez da face e dos lábios, contração e pressão no estômago, mãos frias, sensação de enfraquecimento e torpor dos dedos, pés frios e pesados, disposição à diarréia com dejeções líquidas e esverdeadas.

Medicamento: *Camphora* ou em caso de crianças e pessoas delicadas e nervosas administrar *Ipecacuanha*, ou, ainda, *Veratrum*.

Posologia: dose de uma gota lançada em um torrão de açúcar, ministrado de 10 em 10 minutos, ou de 15 em 15 minutos até cessarem os sintomas.

Observações: “... como a *camphora* não é igualmente bem supportada por todos os doentes, é necessario neste periodo do mal, ver se assaz sobrio na ministração deste medicamento. É mil vezes melhor administrar a *camphora* internamente de 15 em 15 minutos do que usa-la em fricções.”

Sintomas do primeiro período: caída rápida de todas as forças vitaes; impossibilidade de conservar-se em pé, ar perturbado; olhos encovados; língua fria; frio glacial e cor azulada nas mãos, nas faces e no corpo todo; desânimo e desespero; opressão do peito e do coração; angústia; sufocamento; cabeça tomada; entorpecimento da cabeça e dos nervos; gritos e gemidos com voz rouca; dor ardente no estômago e na garganta; e, câimbras e dores contrativas na barriga, nas pernas e em outras partes musculosas.

Medicamento: *Camphora*, *Ipecacuanha*, *Veratrum* e *Arsenico* de acordo com os sintomas predominantes.

Posologia: 1 gota diluída em água, ministrada de 5, 10, 15, ou 30 minutos de intervalo entre uma e outra dose, esparsando as doses de acordo com o restabelecimento do colérico.

Revista da SBHC, n. 18, p. 17-38, 1997

Observações: Dar água fresca, em pequenas quantidades de cada vez, de 3 a 4 colheres quando muito.  
Sintomas do segundo e terceiro períodos: Vertigens; desmaios frequentes; diminuição dos sentidos; angústia, temor da morte e grande agitação; frio glacial de todo o corpo; palidez cavernosa da face, olhos encovados, amortecidos, semi fechados; vista exprimindo sofrimento; ar pensativo; lábios angulados, sede excessiva, inestinguível, desejo de bebidas frias; calor ardente na garganta; vômito ao ingerir alimentos; dejeções aquosas, como água de arroz; pressão e dores no intestino; voz fraca enrouquecida, opressão dolorosa do peito, do estômago e da região pericardal; respiração curta; câimbras por todo o corpo; supressão das secreções da urina, da saliva e da bilis; caída rápida das forças até a completa prostração.  
Medicamentos: *Camphora* e Carvão vegetal.

Outros medicamentos: *Veratrum*, *Arsenicum*, *Cuprum*, somente em casos complicados, em que a pessoa já estivesse doente, antes de contrair a Cólera. Indicam, ainda, *Cicuta*, *Cantharida*, *Camomilla*, *Ipecacuanha*, *Nux Vomica*, e *Scilla*. de acordo com a predominância deste ou daquele sintoma.

Posologia: “Na maior parte dos casos bastará introduzir na boca do doente, todos os 3 ou 5 minutos, uma gota de spirito de camphora diluída em uma colher de água tepida, esfregando-se-lhe ao mesmo tempo a boca do estomago e as fontes com esse medicamento. E se na 6a. dose, isto é ao fim de 30 a 40 minutos uma colherinha de um cálice d’água em que se tenha dissolvido 6 glóbulos 9a. atenuação deste medicamento.”

Observações: Por mais indispensável que seja a *Camphora*, em certos casos destes períodos, jamais deve ser colocada em primeiro lugar, quando houver vômito e diarreia.

É importante observar a atenção que os acadêmicos dispensaram à enumeração descritiva dos sintomas e à referência as doses mínimas e dinamizadas, bem como e à necessidade de optar, segundo os sintomas apresentados pelo doente, por este ou aquele medicamento, ou seja buscar um remédio único, conforme as bases estabelecidas por Hahnemann.

Outro fator relevante, do tratamento homeopático, pode ser destacado: a detalhada atenção que o profissional de saúde deve ter em relação ao doente atendido. Em tempo de Cólera, esta atenção é crucial. O fato revela a penetração social dos homeopatas junto à população.

No mesmo exemplar, do *Jornal do Commercio*, que a Academia Medica-Homeopathica do Brasil publicou seu comunicado, o Dr. Marques de Carvalho na secção “Publicação a pedido” divulga, em linguagem acessível, seus *Apontamentos sobre o tratamento homeopatico do Cholera-morbus*.

Diz Marques de Carvalho que,

“... os medicamentos homeopathicos, são simpleces, puros, e subtis, ninguem os conhece, no olfato, nem no paladar, mas por serem mesmo simples é que elles se inoculão rapidamente no organismo e produzem sua acção prompta e energetica, libertando o doente do germen da cholera e curando-o em pouco tempo.”<sup>36</sup>

Para reforçar suas afirmações, informava ter em mãos carta oriunda do Grão-Pará dizendo: “A medicina homeopathica tem sido muito feliz pois ainda não perdeu um doente que tenha sido tratado com ella desde o seu principio.”<sup>37</sup> Mais adiante, refere uma outra carta, onde o emissário afirma “... eu mesmo me vou dando excellentemente com a camphora e o veratrum.” E, em seguida, diz Marques de Carvalho:

“... Eis aqui a razão por que o Sr. Dr. Silva Castro, delegado da junta de hygiene publica do Pará, diz no seu officio ao Exm. Sr. Dr. Paula Candido, que tem passado pelo dissabor de ver que os doentes não se querem deixar sangrar, e isto por aviso dos homeopaths. Não tem razão Sr. Dr. Silva Castro: se os doentes se curão facil e promptamente com os medicamentos homeopathicos, para que se deixarão sangrar e talvez morrer?”<sup>38</sup>

<sup>36</sup> Cf. JC, No. 210, 1.08.1855.

<sup>37</sup> Idem.

<sup>38</sup> Idem, Idem.

## O Contra-Ataque do Império

Apesar da acirrada defesa dos homeopatas, em tempo de Cólera, as autoridades imperiais fecham o cerco e, ao nomearem as Comissões de Médicas para atender coléricos, deixaram de fora os homeopatas. O fato provocou o protesto do presidente da Academia Medico-Homeopática do Brasil, Dr. Domingos Azeredo Coutinho de Duque Estrada.

Diz o presidente, em carta ao ministro do Império:

*“Duas unicas razões poderião sómente justificar semelhante exclusão: - a incapacidade desses medicos para o exercicio da medicina, - e a convicção da inefficacia do systema dos semelhantes; - mas nem uma nem outra são admissiveis porque, quanto á primeira, é sabido que de 40 ou mais medicos homeopathas existentes nesta capital [Rio de Janeiro], todos ou quasi todos são filhos das escolas do império, que nunca estiverão desmoralizadas ao ponto de darem diplomas autorizando a homens ineptos para o exercicio da medicina; e quanto a segunda, se o governo imperial não acreditasse na virtude e energia da nova doutrina, de ha muito a teria prohibido por prejudicial e assassina; porém ao contrario o governo imperial não ignora que a homeopathia, que ha 13 annos se implantou entre nós, tem, não obstante a guerra tenaz, intrigas e calumnias da allopathia, augmentado cada vez mais o circulo de seu dominio, elevando todos os dias o numero de seus partidistas, e isso por ter não só constantemente em seu favor os factos, linguagem verdadeira, ante a qual baquêão sempre todas e quaesquer argumentações contraria senão pela sua importancia intrinseca.”<sup>39</sup>*

Duque Estrada argumenta que se a Homeopatia fosse impostura, não se sustentaria por tão largo espaço de tempo e com tanto apoio da população.

*“O povo, que é sempre mais sabio do que aqueles que tem a presumpção de sê-lo, ou que como taes são reputados, melhor do que elles julga e conhece o que mais convem, e o povo tem sancionado a medicina dos semelhantes, aceitando-a. A homeopathia goza o pleno conceito de milhares de familias nesta capital [Rio de Janeiro], de milhares de familias em todo o imperio.”<sup>40</sup>*

O médico desafia o Ministro do Império a consultar pessoas de diversas classes sociais acerca da Homeopatia, pois possuía a convicção de que, pelo menos, um milhão de vezes seriam encontradas para bendizê-la. O desafio não foi respondido. Por sua vez, a Academia informava, publicamente, que não necessitava de nomeação das autoridades para prestar socorro à população. Em sessão realizada em 21 de junho de 1855, os homeopatas, decidiram-se dividir em comissões e atuar em todas as freguesias, prestando assistência gratuita às pessoas que reclamassem os socorros da Homeopatia. A decisão foi tomada antes da medida imperial e, segundo a Academia, não foi de imediato publicada para evitar censura antecipada ao governo.

Os desafios lançados pelos homeopatas jamais foram respondidos pelos alopatas, sobretudo quando implicava em acompanhar o tratamento conduzido segundo os cânones da Homeopatia para comprovar os resultados. Os alopatas contestavam as bases da homeopatia, mas evitavam o confronto direto com seus pares homeopatas. Só mais tarde, ao final do século XIX, é que, durante períodos epidêmicos, algumas enfermarias em hospitais oficiais foram confiadas a médicos homeopatas.

O Provedor da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro aceitou, em setembro de 1855, a oferta de Marques de Carvalho para cuidar, segundo o sistema homeopático e gratuitamente, dos pacientes de

<sup>39</sup> Cf. JC, No. 218, 09.08.1855. Os itálicos são do original.

<sup>40</sup> Idem.

Cólera internados na enfermaria Nossa Senhora da Conceição. A equipe liderada por Marques de Carvalho era composta pelos doutores: José Henrique de Medeiros, Maximiano Antonio de Lemos, Thomaz Cochrane, Francisco Alves de Moura, Carlos Chidloe e Joaquim José da Silva Pinto.

A Santa Casa ficava encarregada de guarnecer a enfermaria de camas e demais utensílios necessários ao atendimento dos coléricos. Ficava também acordado que duas irmãs de caridade seriam encarregadas de todo o serviço interno, "... limitando-se os médicos ao curativos dos doentes."<sup>41</sup>

O relato de Marques de Carvalho sobre os trabalhos desenvolvidos na enfermaria permite avaliar a eficiência do sistema homeopático. Os resultados obtidos foram colocados à disposição dos opositores. O trabalho do médico é rigoroso na descrição dos casos atendidos, entre 26 de setembro de 1855 e 23 de fevereiro de 1856, quando os homeopatas cuidaram de 433 enfermos. Dos 433 atendidos, 350 saíram curados e 83 coléricos vieram a falecer. (Tabela 1)

TABELA 1

ENFERMARIA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO Tratamento Homeopático/Cólera Atendidos
Curados 350
Falecidos 83
Total 433

Marques de Carvalho informa que dos 83 coléricos falecidos:

"...45 se recolhêrão já em estado mortal, muitos moribundos, e falecêrão de 5 minutos até 6 horas depois de tratados; mesmo alguns falecêrão no caminho e chegarão mortos; 30 falecêrão de 6 a 24 horas depois de entrados; 8 de 24 a 60 horas;"<sup>42</sup> (Tabela 2)

Resumindo:

TABELA 2

ENFERMARIA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO Tratamento Homeopático/Cólera Tempo de internação óbitos
Em 6 horas 45
Em 24 horas 30
Em 60 horas 08
Total 83

Argumenta Marques de Carvalho que, retirando os falecidos em menos de seis horas de internamento, o total de atendimentos seriam 388 pessoas e os falecidos totalizariam 38. Portanto, o índice de recuperação ficou em 90 por cento. O índice pode ser considerado excelente quando comparado as ocorrências nas

<sup>41</sup> Cf. Ofício, datado de 25.09.1855, que ordenou o estabelecimento e da enfermaria, assinado pelo Marquês de Paraná IN MARQUES DE CARVALHO, Maximiano. *Tratamento Homeopático de Cholera-Morbus – Clínica da Enfermaria Nossa Senhora da Conceição*. Rio de Janeiro: Typ. Villeneuve, 1956. p. 3.

enfermarias coordenadas por alopatas. Nestas, os índices de recuperação ficaram em 60, 50, 40 e 20 por cento dos atendidos. A argumentação é consistente. As pessoas “quase mortas” foram recolhidas das ruas da cidade para evitar mortes sem atendimento médico.

No Relatório, Marques de Carvalho coloca em prática as concepções da Homeopatia que se constituem em fonte de adesão social. Das 433 pessoas atendidas ele relatou minuciosamente 102 casos e abreviadamente 204 casos. Identificou o colérico; relatou as condições de entrada na enfermaria; apresentou as queixas do paciente e, de acordo com a predominância dos sintomas e da natureza do enfermo indicou a medicação adequada. O médico informava ainda, a evolução do tratamento e as alterações no quadro do enfermo. Há comentários sobre a gravidade da enfermidade e da associação da mesma a outras moléstias. Ao final do relato informa com detalhes as condições de *alta*.<sup>43</sup>

Apesar do êxito dos homeopatas, as estatísticas não foram computadas oficialmente e fica difícil avaliar a eficiência dos sistemas com tantas restrições. Aliás a ocultação de dados não ocorreu apenas no Brasil. Na Inglaterra,<sup>44</sup> os dados também foram “esquecidos” e, lá existiam hospitais atendendo pelo sistema homeopático.

Ainda na discussão acadêmica, os homeopatas requeriam que o Império não esquecesse dos desvalidos a exemplo do ocorrido durante a epidemia de Febre Amarela, quando ficaram privados do auxílio oferecido pelo governo. Naquela oportunidade, por instinto de conservação, estas pessoas, tiveram o bom senso de fugir das sangrias, do ferro e do fogo da alopatia. Queriam, os homeopatas, a garantia de que a população, durante o açoitamento da Cólera, ao reclamar doses infinitesimais, não fosse excluída, mas tratada com respeito.

As graves observações dos acadêmicos não mereceram resposta. O silêncio tem significado eloqüente. Será que os desvalidos que optaram pela Homeopatia, em tempo de Cólera, receberam auxílio do governo? Como podiam os coléricos sobreviver a escassez de gêneros alimentícios? Será que ao apresentarem as prescrições de medicamentos homeopáticos às boticas, os doentes recebiam a medicação, gratuitamente? Infelizmente, nenhuma das prescrições dispensadas pelas boticas foi preservada. As listagens dos favorecidos pela distribuição de víveres tão pouco estão à disposição dos pesquisadores. Não se encontraram recomendações específicas, sobre Homeopatia. Talvez o temor do Dr. Duque Estrada não tenha sido em vão ...

José da Gama Malcher, Camillo José do Valle Guimarães e Joaquim Barata Góes faziam parte da Comissão encarregada de atender os pobres acometidos pela Cólera, no Pará, fornecendo-lhes medicamentos e dietas. Nenhum dos médicos era homeopata, sabidamente Gama Malcher e Camillo Guimarães eram, inclusive, adeptos da sangria. O Dr. Góes era também encarregado da enfermaria “... montada para receber os pobres, que accommettidos da mesma molestia, não se poudarem tratar em suas cazas por falta de pessoas, que as zelem na enfermidade, fornecendo-lhes tambem gratuitamente tudo o que for preciso.”, conforme rezava o aviso.<sup>45</sup>

Gratuliano Porto, Juiz Municipal da Vigia, informava em correspondência encaminhada a Rego Barros, Presidente de Província que:

“... Poucas pessoas chamão o Medico, curam quase todos os doentes com remedios da terra; e quando o chamão, ou já o doente está á decidir, ou he somente por mera formalidade, porque applicão os remedios por elles prescriptos.”<sup>46</sup>

Ainda, segundo a autoridade,

<sup>42</sup> Cf. MARQUES DE CARVALHO, 1855: 99.

<sup>43</sup> O trabalho de Marques de Carvalho é uma excelente fonte para compreensão da relação entre condições de vida e epidemia. Para compreender a importância do trabalho, consultar MOREIRA, Vera Maria. A Homeopatia e o Cólera Morbus. *Homeopatia R.*, Porto Alegre, v.3, n.1, p. 11-28, 1994.

<sup>44</sup> Cf. LEARY, 1994.

<sup>45</sup> Cf. TM, No. 584, sab. 10.11.1855, p.4

<sup>46</sup> Cf. TM, No. 03.12.1855, p.1

“... por intermedio da thesouraria da Fazenda, forão distribuidos pela pobreza indistintamente: os lençoes e dinheiros pelos doentes e indigentes por ordem do Medico: ainda existem 24\$ réis em meu poder que tenho reservado para os mais necessitados, apesar dos muitos pedidos que se me tem feito, e aso quais não tenho satisfeito por serem feitos por pessoas pobres sim, mas não muito necessitadas.”<sup>47</sup>

Pelas observações do juiz, tem-se idéia do poder discricionário das autoridades paraenses ao usarem os recursos liberados pelo Tesouro. Ontem, como hoje, os políticos manipulam os recursos em causa própria. Não foi o acaso que conduziu, inúmeros profissionais de saúde, à Assembléia Legislativa ou a cargos públicos importantes, após o flagelo da Cólera.

## Em Busca de um Lugar ao Sol

Em tempo de Cólera, diversos caminhos são percorridos para tentar atalhar o mal. Entre as práticas freqüentes, tem-se a veiculação de anúncios e cartas através dos jornais. Os anúncios ofereciam medicamentos e publicações, enquanto as cartas relatam casos de cura indicando o medicamento utilizado e o responsável pelo feito. Os depoimentos através de cartas, aos jornais, eram parte integrante do processo de reconhecimento social de práticas ainda não referendadas pela Junta Central de Saúde Pública.

É preciso não esquecer que os cânones científicos padronizados, como hoje são conhecidos, ainda não estavam institucionalizados de forma clara. Mas os médicos emprestavam as normas à cultura vigente. Uma das normas era o testemunho de pessoas aos tratamentos bem sucedidos. É possível que o crédito social fosse mais importante que o científico, até porque este último engatinhava.

Examinando os jornais da época, o anúncio mais freqüente dizia respeito às caixas de homeopatia, contendo “... 42 dos mais eficazes remedios para o tratamento de Cholera ...” que poderiam ser acompanhadas da publicação *Da Medicina Domestica Homeopatha*, indicadas pelo Dr. Cochrane, vendida à Rua da Ajuda, 61, no Rio de Janeiro<sup>48</sup>, estavam na ordem do dia. Os anúncios aparecem em várias edições.<sup>49</sup>

No Grão-Pará, os anúncios do *Treze de Maio* ofereciam, quase diariamente, boticas homeopáticas de 12, 24, 30, 36, 60 e 98 medicamentos, preparados em laboratórios parisienses, por boticário recomendado pelo Dr. Jahr. As vendas eram feitas tanto nas boticas como em casas comerciais aviadoras.<sup>50</sup>

*Da Medicina Domestica Homeopatha* foi escrita pelo Dr. Thomaz Cochrane que afirmou ser a publicação “... escripta em linguagem accommodada á intelligencia das pessoas estranhas a arte de curar ...”, onde “cada capítulo contém um modo claro e explicativo para qualquer pessoa, longe de socorro medico, administrar os remedios homeopathicos em todas as enfermidades, com a maior facilidade possível.”<sup>51</sup> Explicando ao público os sintomas, a identificação e a distinção dos mesmos bem como o tratamento de quase todas as doenças conhecidas. A Cólera é tratada no capítulo XV, classificada como moléstia do estômago. O autor trata tanto do *Cholera-morbus* asiática, como da Colerina. A divulgação do trabalho de Cochrane ganhou página inteira do *Jornal do Commercio*, tipo do que, hoje se chama encarte publicitário.

Faz-se necessário observar que tanto a Academia como os profissionais que entravam na polêmica ou anunciavam seus serviços, ressaltavam a importância da atuação de qualquer pessoa, onde não existisse

<sup>47</sup> Idem. Grifo nosso.

<sup>48</sup> Cf. JC, No. 216, 07.08.1855.

<sup>49</sup> O primeiro anúncio da publicação de Cochrane foi encontrado no JC, n. 216, 07.08.1855. Mais tarde encontrou-se anúncio no *Diário do Rio de Janeiro*, doravante DRJ, n. 271, 02.10.1855.

<sup>50</sup> Estabelecimentos comerciais que abasteciam os comerciantes oriundos do interior da província, situadas ao longo da praia. Cf. TM, n. 521, sab. 28.07.1855, p. 4 e n. 595, sex. 23.11.1855, p. 4, dentre tantos outros exemplares.

<sup>51</sup> Cf. JC, n. 337, 08.12.1855.

um profissional disponível. Destaque-se, ainda, a importância dos sintomas para a indicação do medicamento correto. As descrições dos sintomas eram extremamente minuciosas, para facilitar o acesso ao sistema homeopático.

Além da obra de Cochrane, que o autor, seguindo a norma usual entre os médicos de evocar o conhecimento, a compreensão e a absorção dos trabalhos das celebridades estudiosas do assunto informa ser baseada em Hahnemann, Mure, Hering, Currie, Laurie, Dunsford, Hartmann, Harllaub, Banninghausen, e Ruoff; é possível encontrar referências a outros trabalhos de Medicina Homeopática nos periódicos da época.

Pedro Ernesto d'Albuquerque de Oliveira, médico homeopata que prestou relevantes serviços durante a epidemia,<sup>52</sup> trouxe a lume a publicação *Cholera-morbus – memoria*, vendida na Botica Central, à Rua São José, 59, no Rio de Janeiro, indicada aos interessados por conter descrição e tratamento do *Cholera-morbus* e do *Cholera sporadico*.<sup>53</sup>

Ainda, em setembro de 1855, veio a público, *Materia Medica ou Pathogenesis Homeopathica do Dr. Mello Moraes*, anunciada como

“... artigo extenso de perto de 30 paginas sobre a Cholera Morbus onde vem mencionadas as causas, syntomas, marcha, diagnostico diferencial e tratamento desta terrivel epidemia, combatida pelo homeopathia ainda ultimamente no Pará com os mais felizes resultados, escripto com notavel clareza e adaptado á intelligencia do povo.”<sup>54</sup>

Diferentemente dos demais, o trabalho foi editado por E. e H. Laemmert, conceituada casa do Rio de Janeiro.<sup>55</sup>

Observe-se, uma vez mais, a menção ao Grão-Pará e a preocupação em anotar sublinhadamente o êxito da Medicina Homeopática. Além da preocupação com a utilização de uma linguagem acessível à população. No Pará, a obra era vendida no Armazém de Velloso & Cia. à Rua Boa-Vista, na capital da província, e anunciada discreta, mas seguidamente, no *Treze de Maio*.<sup>56</sup> A leitura dos jornais do Grão-Pará permite observar que, diferentemente, do Rio de Janeiro, aqui, tanto as boticas homeopáticas, como as publicações médicas, homeopáticas ou não, podiam ser vendidas nas boticas e farmácias, e também em outros estabelecimentos comerciais. A reprodução das matérias saídas no *Treze de Maio* durante a época da epidemia era encarado de pequenas tipografias espalhadas pelo interior da Província.

O Dr. Silva Pinto traduziu a obra do Dr. Benoit Mure e, em outubro de 1855, anunciava a venda de volumes em brochura e encadernados do trabalho: *Cholera-morbus, o medico do povo do Dr. Mure*, que oferecia, ao comprador, uma botica portátil. Era vendido à Rua da Quitanda, 2, no Rio de Janeiro.<sup>57</sup>

Quase ao final do evento epidêmico no Pará, tem-se o *Tratado sobre Cholera-Morbus*, do farmacêutico homeopata, João Pinheiro de Magalhães Bastos, cujo anúncio diz não ser volumoso, mas bastante prático. Foi colocado à venda na Botica Central, à rua São José, 59, no Rio de Janeiro.<sup>58</sup>

O número de anúncios não parece exagerado, mas torna-se necessário situá-los no contexto. A epidemia, no Grão-Pará, estendeu-se de maio de 1855 a fevereiro de 1856, portanto foram dez meses de temor e

<sup>52</sup> Atestados, inclusive, pelo Ministro do Império Conselheiro Luis Pedreira do Couto Ferráz. Cf. Maço IS1 26, Caixa 1972/1973, antiga Caixa 824, pacote 4, Requerimentos sobre assuntos de Saúde Pública/Processo contra os médicos Dr. Antonio Antunes Guimarães e Pedro Ernesto d'Albuquerque de Oliveira do Fundo: Ministério da Guerra sob a guarda do Arquivo Nacional, doravante AN.

<sup>53</sup> Cf. DJR, n. 245, 05.09.1855 e, ainda, JC, n. 285, 16.10.1855.

<sup>54</sup> Cf. JC, n. 257, 18.09.1855. Grifo nosso.

<sup>55</sup> O trabalho era vendido em brochura e encadernado.

<sup>56</sup> Cf. TM, n. 595, Sex. 23.11.1855.

<sup>57</sup> Cf. JC, n. 271, 02.10.1855. Cita-se, unicamente, a primeira das referências encontradas, pois elas se repetem ao longo do período. Observa-se, também, que a primeira referência recolhida, pela pesquisadora não, necessariamente, significa ser a primeira publicação, pois nem todos os números dos jornais consultados estavam disponíveis.

<sup>58</sup> Cf. JC, n. 358, 31.12.1855.



pânico.<sup>59</sup> Evidentemente, que não apenas os homeopatas anunciavam seus medicamentos e publicações. Os alopatas também ocupavam espaço nos jornais diários. Aliás, as matérias médicas escritas pelos alopatas, no *Treze de Maio* eram extensas e não raramente ocupavam a edição inteira e eram, necessariamente, assinadas. O grande divulgador dos alopatas no Pará era o Dr. Silva Castro, presidente de Comissão de Higiene Pública do Pará.

No período da epidemia, encontraram-se **dois** anúncios de medicamentos homeopáticos: as caixas de homeopatia com 42 tipos de medicamentos, e **23** anúncios de medicação alopática. Considerando que os tratamentos homeopáticos são feitos em função dos sintomas e de suas manifestações nas pessoas acometidas pela enfermidade; considerando ainda, que retiraram-se, dos jornais, tão somente, os medicamentos referentes à Cólera; a penetração da homeopatia parece ter sido grande, sobretudo, pelo fato de não ser medicina oficial<sup>60</sup> e lutar contra os preconceitos e perseguições desenvolvidas contra seus adeptos.

No caso das publicações, foram encontradas **13** referências, **seis** das quais eram trabalhos sobre Homeopatia, e **uma** única obra dedicava-se à comparação dos sistemas: *Cholera-morbus – tratamento allopathico e homeopathico comparado* de autoria do Dr. Valdez, antigo médico do hospital de coléricos de Bruxelas, cuja tradução é do Dr. João de Souza Santos.<sup>61</sup> Trabalho posto à venda, no Rio de Janeiro, à Rua São Pedro, 33 e Rua do Ouvidor 32; em Niterói, à Rua da Rainha, 59. O comprador teria acesso aos pareceres do Dr. João Candido de Deus e Silva e do Dr. Jacintho Rodrigues Pereira sobre o trabalho, além de cópia de notícia saída em *Do Republico*.<sup>62</sup>

O Dr. Valdez é mencionado por Marques de Carvalho como tendo empregado *Camphora* no tratamento de coléricos, obtendo "... curas admiráveis pela facilidade e proptidão." É provável que a tradução do trabalho tenha sido feita dentro da campanha articulada, pela Academia, para enfrentar os ataques oriundos dos setores ligados à medicina oficial. Daí advém a estratégia de venda e o acréscimo de pareceres e notícias, como que dando maior legitimidade à publicação.

No Grão-Pará, os anúncios eram veiculados através do *Treze de Maio*, mas comparados aos encontrados no *Jornal do Commercio* eram discretos, até porque o formato do periódico não permitia maior publicidade. Os anúncios entretanto são freqüentes, informando sobre todas as novidades chegadas a Belém, tanto do Rio de Janeiro, como da Europa. Quase diariamente é possível encontrar uma ou duas notinhas sobre medicamentos que combatem a Cólera.

Em novembro de 1855, vem a lume o trabalho do Dr. Emilio Germom, médico francês que é considerado um dos pioneiros da introdução da Homeopatia no Brasil.<sup>63</sup> A matéria médica produzida por Germom não vem a público sob forma de anúncio, mas como artigo. Aliás, é o único artigo publicado no período estudado que expõe as dissidências dentro da Homeopatia, pois o médico combate as práticas dos homeopatas ligados a Academia Medica-Homeopathica do Brasil. Daí, talvez decorra seu sucesso.

Publicado inicialmente no *Diario do Rio de Janeiro* o material foi parcialmente, reproduzido, no *Treze de Maio*.<sup>64</sup> Supõe-se que a publicação era uma estratégia para arrancar as raízes plantadas pelos homeopatas, mas era tarde. A epidemia estava arrefecendo. A intervenção de Germom foi a única que, em tempo de crise, trouxe a polêmica interna à Homeopatia.

Diz Germom,

“Emquanto ao veratrum, camphora, etc, são paliativos; os fogareiros com carvão em brasa preconizados pelo Sr. Maximiano Marques de Carvalho causão a morte por asphyxia pela

<sup>59</sup> Cf. TM de maio de 1855 a fevereiro de 1856.

<sup>60</sup> Conserva-se o termo utilizado na polêmica que, pelo contexto, identifica a medicina não homeopática ligada ao setor de Saúde do Império. Cf. Publicações a Pedido da Academia Medico-Homeopathica do Brasil, no JC, n. 210, 1.º.08.1855.

<sup>61</sup> Cf. JC, n. 267, 28.09.1855.

<sup>62</sup> Infelizmente, não foi possível conferir o conteúdo da obra, pois no calor da discussão e acompanhada de pareceres, obviamente, a comparação tende a manifestar-se a favor de um dos sistemas. Supõe-se que *Do Republico* seja um periódico, entretanto não se possui maiores referências.

<sup>63</sup> Sobre a discussão referente a responsabilidade de introduzir a Homeopatia no Brasil, consultar LUZ, 1996, p.65-72.

<sup>64</sup> Cf. DRJ, n. 55, 30.11.1855 e TM, n. 633, qui. 10.01.1855, p.3.

absorção pulmonar do ácido carbonico, um dos venenos mais activos que existem; nem Hypocrates, nem Hahnemann aconselham o suicidio. Emquanto ao ether, ao alcool, quentes, em fricções indicados pelo Sr. Duque Estrada, podião ser uteis se não fosse a evaporação que torna a applicação impossivel.”<sup>65</sup>

A intervenção critica duramente os homeopatas que estiveram à frente da polêmica, usando armas características de períodos não-críticos. O crítico desconhecia a qualificação dos homeopatas citados no texto. A polêmica tinha nuances da disputa entre homeopatas e alopatas que foi marcada pela ironia, por argumentos pesados e desrespeitosos. Certamente, Marques de Carvalho não deixou de responder ao seu adversário, mas o fato não mais ganhou as páginas do *Treze de Maio*.<sup>66</sup>

## Homeopatia: a Diferença que Ameaça

Analisando as estatísticas sanitárias publicadas no *Treze de Maio*, o total de pessoas afetadas pela Cólera, chega a 8.765 pessoas e os óbitos chegam a 4.555 pessoas. Os dados oficiais apresentam ligeira variação: 12.887 afetados e 3.653 mortos no período compreendido entre maio e outubro de 1855. Considerando uma população de 247.248 almas, segundo o recenseamento apresentado em 1854, a dizimação foi assustadora.<sup>67</sup>

O temor e o pânico de contrair a moléstia durante o evento epidêmico era constante. Ninguém escapava à dor. Todos os paraenses passaram pela experiência de ver: membro(s) de sua(s) família; vizinho(s); conhecido(s) e/ou autoridade(s) pública(s) ser(em) afetado(s) e/ou ceifado(s) pelo flagelo. A dor fazia parte do cotidiano.

Quem não teme a dor? Quem não deseja enfrentar a dor de forma menos traumática? Quem não busca alternativas à dor? Evidentemente, a dor é inicialmente física, mas associada à ela estão as nuances culturais, extremamente sofisticadas, relacionadas às formas de sentir a dor e de ver e assistir a quem está com dor. E o desaparecimento de alguém, em meio a dor, desnuda as relações que constituem o tecido social. Como ensina Rodrigues:

“Não basta à sociedade produzir explicações e tabus que afastem a morte: é preciso ainda que ela tome decisões efetivas para assegurar sua continuidade *contra e através* do desaparecimento de seus membros.”<sup>68</sup>

Para compreender a ameaça representada pela Homeopatia e a intransigente defesa da medicina oficial, feita pelos alopatas em tempo de Cólera, é preciso pensar que o momento epidêmico foi traumático tanto para a população como para os profissionais de saúde. Os meios disponíveis eram limitados, os erros se acumulavam, e todos estavam acuados ante o clamor para estancar o flagelo.

Para fazer o enlace epidemia/sociedade/cultura tenta-se visualizar o colérico e quem eram os coléricos no Grão-Pará. Uma pessoa afetada pela Cólera vomitava abundantemente, de início, os alimentos ingeridos e, em seguida, líquidos semelhante à bilis; sintoma acompanhado de diarreia, inicialmente de matérias fecais e, depois, líquido aquoso parecendo água de arroz. A desidratação produzia olhos encovados, semi

<sup>65</sup> Idem.

<sup>66</sup> Para compreender o desenrolar da polêmica fora das crises, consultar LUZ, 1996.

<sup>67</sup> É possível que o TM tenha deixado de publicar alguns dados, pois ele dependia do envio de boletins dos diversos recantos da Província, o mesmo ocorre com os dados oficiais. Na documentação consultada há queixas frequentes sobre as dificuldades de coletar dados. É possível que os números sejam bem maiores. Para conferência dos dados oficiais, consultar: PARÁ - Presidente da Província, Sebastião do **Rego Barros**. *Falla dirigida à Assembleia Legislativa Provincial em 15 de agosto de 1854*. Belém, Typ. Aurora Paraense, 1854, e PARÁ - Presidente da Província, Henrique de Beaupaire **Rohan**. *Relatório apresentado à Assembleia Legislativa Provincial do Pará em 15 de agosto de 1856*. Typ. de Santos e Filhos, 1856.

<sup>68</sup> Cf. RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da morte*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983. p.73

abertos e revirados para cima; pele lívida, sobretudo em volta dos olhos e das mãos; extremidades do corpo encurvadas – mãos e pés – e unhas roxas; ansiedade, inquietação e desassossego; suores frios e câibras fortíssimas. A voz fica sumida, a língua tornava-se esbranquiçada; o pulso praticamente desaparecia. Não raramente, em poucas horas, o doente perdia os sentidos e sofria horríveis convulsões.<sup>69</sup>

Além da saga descrita, a Cólera poderia surpreender as pessoas em qualquer lugar: na rua, na praça, no ancoradouro, no cais, na taberna, em casa, no hospital; comendo ou bebendo, parado ou andando, acordado ou dormindo. Muitas vezes, a pessoa era vista pela manhã a caminho do trabalho e, à noite, não mais poderia ser encontrada, a epidemia reinante ceifara-lhe a vida.

“A morte não pode ser esquecida com facilidade. Sobretudo quando se trata de uma pessoa próxima, é talvez o golpe mais violento que a existência dirige ao homem. Ela significa uma terrível ameaça ao grupo humano e exige alterações substanciais na organização da vida, sobretudo quando é inesperada.”<sup>70</sup>

Rodrigues está se referindo ao cotidiano social e não aos momentos de crise. A Cólera foi um momento de crise, portanto os significados adquirem nuances novas. A enfermidade degradava as pessoas tanto por surpreendê-las como pelos sintomas que, de certa forma, lhes conduzia a uma situação não-humana, posto que o colérico perdia o controle sobre si. A Cólera imputava aos humanos características animais. Pior que morrer como animal, era não ser respeitado, era, quem sabe, submeter-se a uma sangria ou a uma autópsia pois, pela segunda vez, afastava-se da condição de humano. Ao ser sangrado, o humano, assemelhava-se ao quadrúpede, sobretudo ao porco que é morto desta forma. Evidentemente, apesar de se submeterem à sangria, os paraenses temiam por suas vidas.<sup>71</sup>

O corpo *cadáver* do colérico conduzido à autópsia parecia, segundo depoimento dos próprios médicos, estar preparado para um estudo anatômico, pois “... as suas veias estavam de tal forma cheias de sangue, duro e enegrecido que pareciam injetadas artificialmente ...”<sup>72</sup> Algumas interrogações são pertinentes: Será que os sintomas não eram suficientes para atestar a presença da Cólera? Por que degradar o morto com autópsias? Se a autópsia era necessária, por que não praticá-la indiscriminadamente? Por que o presidente da Província não foi autopsiado?<sup>73</sup>

“A ‘autópsia’, ou exame de um cadáver humano, já praticada no Brasil na era colonial, continuou a sê-lo no século XIX, e aí, então, com maior frequência, seja para estudo de gabinete de Anatomia das Faculdades de Medicina, seja por exigência das autoridades para elucidação do motivo ou causa da morte de alguma pessoa. Em fins do século XVIII e em princípios do XIX, os médicos e cirurgiões do Rio de Janeiro autopsiavam os corpos de seus pacientes como medida rotineira.”<sup>74</sup>

No Grão-Pará não existia Faculdade de Medicina, mas a prática era rotineira e, a confirmação do evento epidêmico dependeu de autópsias que, de certo, não agradavam as gentes da Província.

A tensão entre os médicos e a população é registrada pelo *Treze de Maio*. As dificuldades entre os médicos e as classes populares datava da época das *Providências para prevenir e atalhar o progresso*

<sup>69</sup> A descrição é baseada em Castro, 1855 e Vianna, 1975 (1906).

<sup>70</sup> Cf. CASTRO, José Rodrigues. *Tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1979. p.51-52.

<sup>71</sup> Uma boa forma de pensar os significados, as representações e o simbolismo nas sociedades humanas é a leitura de DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976. e RODRIGUES, 1979: Capítulo III, Os Códigos do Corpo e os Códigos da Sociedade. p.129-158.

<sup>72</sup> Autópsia feita em 19.06.1855, em João do Carmo colono português de 50 anos de idade, pelos médicos José da Gama Malcher e Camillo José do Valle Guimarães. Ofícios da Comissão de Higiene e Comissão de Socorros Públicos 1850-55, Caixa 141, Ss. 13.34, da Série Ofícios do Fundo da Secretaria da Presidência da Província do Grão-Pará sob a guarda do Arquivo Público do Estado do Pará, doravante denominado APEP.

<sup>73</sup> Trata-se de Ângelo Custódio Corrêa morto pela Cólera em 1855, cujo corpo não sofreu uma autópsia.

<sup>74</sup> Cf. SANTOS FILHO, Lycurgo. *História geral da Medicina Brasileira*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1991. p.533.

da Febre Amarela, mandadas executar pelo Ministério do Império<sup>75</sup> que ainda estavam em vigor nos tempos da Cólera. As providências estabeleciam que em cada freguesia da cidade haveria uma Comissão Médica composta dos subdelegados e fiscais da mesma freguesia, acrescida de três médicos nomeados para fiscalizar a observância das leis e "... velar na sorte de classe indigente, administrando-lhe todos os socorros de que possa precisar."<sup>76</sup>

O Aviso atentava contra princípios culturais observados na Província, fato que deu origem a uma série de tensões. Entre as proibições constantes figuravam: permanência de *enfermos em casa*, sobretudo em ambientes pequenos e cercado de pessoas; *enterros*, especialmente os múltiplos dentro de igrejas; *dobres de sinos* anunciando mortes; e fechamento das casas no período de *nojo*.

Os médicos estavam, a partir do Aviso Imperial, identificados com o poder e com as pessoas que violavam as regras observadas por ocasião do infortúnio, da enfermidade e da morte. Como conduzir, ao hospital, pessoas que mal podiam locomover-se? Como era possível deixar os enfermos sem o auxílio e a solidariedade de parentes e vizinhos? Por que enterrá-los fora das Igrejas? Como avisar aos mais distantes sem o dobrar dos sinos? Por que devassar as casas das pessoas que perderam seus parentes?

Em tempo de Cólera, o temor e o pânico da enfermidade são plasmados em meio a proibições, sangrias e autópsias que, definitivamente, violam todos os preceitos cristãos inculcados via Colonização.

Afora o fato de que a Cólera acometia "... em maior numero e em maior gravidade aos individuos das classes baixas, indios, pretos, especialmente escravos, mamelucos, pardos e brancos"<sup>77</sup>, a enfermidade atacou: serventes, lavadeiras, negros de ganho e aluguel, marítimos, lavradores, cozinheiros, costureiras, colonos, soldados, praças, pescadores, indigentes e mendigos, entre outros.

Silva Castro diz, ainda no início da epidemia, em ofício a Francisco de Paula Cândido que,

"A classe baixa da sociedade, e desta os indios ou tapuios, e os pretos, continúa a ser o alvo principal do assustador flagello. Na classe media, e na mais elevada, poucos tem sido por ora os casos observados, e neste por via de regra he sempre benigno o mal."<sup>78</sup>

Pereira, médico doutorado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, admitia que,

"Os homens da sciencia, como que espantados á vista de molestia tão mortifera, não fizeram senão improvisar tratamentos os mais oppostos; mas a experiencia tem mostrado, que a medicina ainda não possui um especifico contra este flagello; e nem sequer um methodo de tratamento que inspire confiança."<sup>79</sup>

A adesão dos paraenses à Homeopatia era, provavelmente, um pacto social com os profissionais que demonstravam maior respeito à dor e ao sofrimento dos desvalidos coléricos.

## REFERÊNCIAS

### Fontes Manuscritas Citadas

Arquivo Nacional – Rio de Janeiro/Brasil

<sup>75</sup> Cf. Aviso do Ministério dos Negócios do Império, impresso, datado de 14.02.1850, Provedoria de Saúde Pública 1850-1855, Pasta 1850, Caixa 142, Ss 13.47, da Série Offícios do Fundo da Secretaria da Presidência da Província do Grão-Pará sob a guarda do APEP.

<sup>76</sup> Idem. Sobre a composição da Comissão, no Grão-Pará, consultar o item *O contra-ataque do Império*.

<sup>77</sup> Cf. VIANNA, Nicolau Lobo. *Da Cholera-Morbus. sua séde, natureza e tratamento. – será contagiosa?* Rio de Janeiro: Typ. N. Lobo Vianna e Filhos, 1857. p. 19 (v.1 A-J-1 da Academia Nacional de Medicina)

<sup>78</sup> Cf. M. n. 511, sab.07.07.1855. p.3.

<sup>79</sup> Cf. PEREIRA, Jeronymo Baptista. *Da Cholera-Morbus. sua séde, natureza e tratamento. – será contagiosa?* Rio de Janeiro: Typ. Universal Laemmert, 1856. p.28 (v. A-B-1 da Academia Nacional de Medicina)

Revista da SBHC, n. 18, p. 17-38, 1997

Documentos Avulsos

Fundo: Ministério da Guerra

IS1 26, Cx. 1972/1973, antiga Cx. 824, Requerimentos sobre assuntos de Saúde Pública.

Arquivo Público do Estado do Pará – Belém/Brasil

Documentos Avulsos

Fundo: Secretaria da Presidência da Província do Grão-Pará

Série Ofícios:

Ss 13.34, Caixa 141, Comissão de Higiene e Comissão de Socorros Públicos 1850-55

Ss 13.47, Caixa 142, Pasta 1850, Provedoria de Saúde Pública 1850-1855

Ss 13.33, Caixa 174, Diversos 1853-1856

Fundo: Secretaria de Polícia da Província do Grão-Pará

Série Ofícios:

Ss 13.54, caixa 194, Delegados e Subdelegados

## FONTES IMPRESSAS CITADAS

**BLACK**, Francis. Homeopathic treatment of Asiatic Cholera. *British Journal of Homeopathy*, v.1, p.57-68, 1843.

**CASTRO**, Francisco da Silva. Apontamentos para a historia do Cholera-morbus no Pará em 1855. In: *Família Castro*. Belém: Falângola. 1983.

**CHERNOVIZ**, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de Medicina popular e das sciencias acessorias para uso das familias*. 5.ed. Pariz: Casa do Autor, 1878.

**MARQUES DE CARVALHO**, Maximiano de. *Tratamento homeopático da Cholera Morbus – Clinica da Enfermaria N. S. da Conceição*. Rio de Janeiro: Typ. Imperial, 1856.

**PARÁ**. Presidente da Província, Sebastião do REGO BARROS. *Falla dirigida à Assembleia Legislativa Provincial em 15 de agosto de 1854*. Belém, Typ. Aurora Paraense, 1854.

**PARÁ**. Presidente da Província, Henrique de Beaupaire ROHAN. *Relatorio* apresentado à Assembleia Legislativa Provincial do Pará em 15 de agosto 1856. Typ. Santos e Filhos, 1856.

**PEREIRA**, Jeronymo Baptista. *Da Cholera-Morbus*. sua séde, natureza e tratamento – será contagiosa? Rio de Janeiro: Typ. Universal de Laemmert, 1856. (v. A-J-I da Academia Nacional de Medicina)

**VIANNA**, Nicolau Lobo. *Da Cholera-Morbus*. sua séde, natureza e tratamento – será contagiosa? Rio de Janeiro: Typ. N. Lobo Vianna e Filhos. 1856. (v. A-J1 da Academia Nacional de Medicina)

## JORNAIS CITADOS

Editados no **Rio de Janeiro**/Brasil

*Diario do Rio de Janeiro*, setembro, outubro, novembro e dezembro de 1855.

*Jornal do Commercio*, julho, agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro de 1855.

Editados no **Grão-Pará**/Brasil

*Treze de Maio*, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro de 1855 e janeiro, fevereiro e março de 1856.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**ASSIS**, Machado. *O Alienista e o espelho*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

**BARATA**, Manoel. *Formação histórica do Pará*. Belém: UFPA, 1973. (Coleção Amazônica/Série José Verissimo.)

Revista da SBHC, n. 18, p. 17-38, 1997

- BELTRÃO**, Jane Felipe. Mulheres da castanha: um estudo sobre trabalho e corpo. In: *Trabalhadoras do Brasil*. São Paulo: Brasiliense/Carlos Chagas/Ford, 1982.
- BOTELHO**, João José da Costa. *Família Castro*. Belém: Falângola, 1983.
- CIPOLA**, Carlo M. *O Burocrata e o marinheiro*. Oeiras – Portugal: Celta, 1997.
- DARNTON**, Robert. *Boemia literária e revolução*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- DOUGLAS**, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- EVANS**, R. J. *Death in Hamburg: society and the cholera years, 1830-1910*. Oxford: Clarendon Press, 1987.
- LEARY**, Bernard. Cholera 1854: update. *British Homeopathic Journal*, v.83, p.117-121, 1994.
- LUZ**, Madel T. *A Arte de curar versus a Ciência das doenças – história social da homeopatia no Brasil*. São Paulo: Dynamis Editorial/Abrasco, 1996.
- MOREIRA**, Vera Maria. A Homeopatia e o Cólera Morbus. *Homeopatia R.*, Porto Alegre, v.3, n.1, p.11-28, jul.1994.
- MOTTA-MAUÉS**, Maria Angélica. “Trabalhadeiras” & “Camarados” relações de gênero, simbolismo e ritualização numa comunidade amazônica. Belém: UFPA, 1993.
- RODRIGUES**, José Carlos. *Tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Achamié, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Tabu da Morte*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.
- SANTOS FILHO**, Lycurgo. *História geral da Medicina brasileira*. São Paulo: Hucitec/Edusp. 1991.
- VIANNA**, Arthur. “O Cólera-Mórbus” In: *As Epidemias no Pará*. Belém: UFPA, 1975 (1906).

Trabalho recebido em Agosto de 1988

---

Jane Felipe Beltrão é Professora do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Pará – UFPA e Doutoranda em História na Universidade Estadual de Campinas  
Endereço: Departamento de História - Campus do Guamá  
Belém - Pará, Brasil  
E-mail: jane@ufpa.br

Revista da SBHC, n. 18, p. 17-38, 1997